

Muito além de 90 minutos: narrativas de atletas profissionais do futebol

Mariana Rambaldi do Nascimento¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

Fernando de Oliveira Vieira²

Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ, Brasil)

Esta pesquisa objetiva compreender as narrativas de atletas profissionais do futebol a partir de conceitos da psicodinâmica do trabalho, identificando vivências de prazer e sofrimento no trabalho e suas estratégias de defesa. Para isso, foram aplicadas duas técnicas de coleta de dados com profissionais do esporte: entrevistas semiestruturadas e Lego® Serious Play. Também participaram da pesquisa outros atores presentes no cenário do futebol, como empresários, mães de atletas e técnicos. A análise do material qualitativo foi feita sob as diretrizes de Johnny Saldaña. Os resultados indicam que essa categoria de trabalhadores está exposta a práticas de gestão produtivistas. Os atletas adotam estratégias defensivas para lidar com o sofrimento; entretanto, em alguns momentos, tal sofrimento pode desencadear patologias. A qualidade do trabalho exercido no esporte indica o nível da cooperação, pois, apesar de ser um ambiente competitivo, quando os atletas conseguem estabelecer vínculos e confiança no trabalho do outro, cria-se um espaço prazeroso, em que a cooperação fortalece o coletivo.

Palavras-chave: Psicodinâmica do trabalho, Prazer-sofrimento, Trabalho, Futebol.

Beyond 90 minutes: professional soccer players' narratives

This study aims to understand the narratives of professional soccer athletes from the theoretical concepts of psychodynamics of work. In total, two data collection techniques were carried out with professionals of this sport: semi-structured interviews and Lego® Serious Play. At first, other actors in football also participated in this research, with no intention of knowing the work organization and the environment in which the players are inserted. An analysis of the material was carried out under the Saldaña guidelines. Results indicate that this category of workers is exposed to productivist management practices. Athletes adopt defensive adopters to deal with suffering. However, some it may, in some instances, trigger pathologies. The quality of the work performed in the sport reflects cooperation levels since, although a competitive environment, when athletes manage to create bonds and trust in the work of others, they create a pleasant environment, in which cooperation strengthens the collective.

Keywords: Psychodynamics of work, Pleasure-suffering, Work, Soccer.

1 <https://orcid.org/0000-0003-2699-8449>

2 <https://orcid.org/0000-0001-5374-997X>

Introdução

Falar sobre futebol é discutir sobre o esporte mais popular no Brasil, um fenômeno que envolve política, economia, lazer e saúde. Pesquisar sobre o tema implica olhar para um evento complexo e rico, que contempla torcidas apaixonadas e profissionais engajados, além da inserção do futebol na lógica capitalista e no imaginário social, transformando não só o desporto em uma mercadoria, mas tudo o que ele envolve: a bola, a chuteira, a camisa e, também, o atleta. Os meios de comunicação mascaram a cobrança, o cansaço, a falta de autonomia, a competitividade e a instabilidade (Pereira, 2008).

O rendimento médio mensal do trabalhador no Brasil, entre todas as profissões, é 2053 reais (PNAD *Contínua* 2016, 2017). No futebol, 82,4% dos atletas de futebol ganham até mil reais, 13,6% até 5 mil reais e 4% acima de 5 mil reais (Confederação Brasileira de Futebol, 2018). Entre os 800 clubes credenciados na Federação Internacional de Futebol (Fifa), 20 (2,5%) apresentam 90% da preferência dos torcedores. Se um clube possui 26 jogadores, teríamos 520 postos de trabalho nos 20 principais clubes no Brasil (Damo, 2007). O acesso e permanência no futebol de elite constituem a realidade de uma pequena parcela de atletas.

O futebol é fundamentado em modelos rígidos, nos quais o valor do esporte é concentrado em resultados comerciais, enquanto são aplicadas táticas sofisticadas, envolvendo grande capacidade cognitiva, disciplinas militarizadas e treinos exaustivos. Entretanto, a gestão ainda é feita de forma amadora e as instituições são administradas de maneira pouco profissional (Nakamura, 2015). O cenário dificulta o crescimento dos clubes e afeta a vida dos trabalhadores esportistas.

Ferreira et al. (2016) argumentam que o trabalho é uma ação, perante um processo de apropriação em que a subjetividade está envolvida, e é, também, uma relação social, pois pertence a um mundo que apresenta relações de iniquidade, poder e dominação. Trata-se de um espaço dinâmico de relações que acontece através do reconhecimento, da construção de identidade e da realização pessoal.

As descobertas desta pesquisa podem ser úteis para a ampliação do conhecimento científico nas áreas da administração, psicologia, educação física e demais disciplinas que investigam a relação entre mercado futebolístico, organização esportiva, valores monetários que envolvem o esporte, moldes empresariais fundamentados em modelos rígidos, resultados comerciais, relações midiáticas, saúde no trabalho e as vivências de atletas. Ignorar as relações e não dar voz e atenção à gestão do esporte pode resultar no aproveitamento inadequado do potencial atlético, falta de apoio social e institucional, desorganização da vida pessoal, dificuldade de adaptação às fases da carreira e até desistência da prática esportiva.

Um aspecto relevante desta pesquisa é fornecer discussões para clubes e instituições que administram o futebol brasileiro, visando a elaboração de condutas embasadas cientificamente no que se refere à gestão esportiva, e evidenciando a importância de uma política de recursos humanos na administração que inclua a dimensão subjetiva do trabalho e influencie os modos de pensar. Dessa forma, objetiva-se promover a reflexão de profissionais envolvidos nessas instituições, sejam eles atletas ou não, sobre o seu trabalho.

Ao investigar o cenário futebolístico, outros atores além dos atletas precisam – e devem – ser considerados: a Fifa, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), as federações, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o governo, os clubes, as torcidas, os patrocinadores, a mídia, as comissões técnicas e os empresários. Além destes, podemos considerar a família e a sociedade como atores que participam da vida e da rotina dos profissionais do esporte (Mósca et al., 2009). A segunda dimensão do esporte passa a ser alvo de estudos de áreas científicas que investigam as organizações, tais como a administração e a contabilidade.

A pesquisa objetivou compreender as narrativas de atletas profissionais do futebol a partir dos conceitos da psicodinâmica do trabalho (PdT), identificando suas vivências de prazer e sofrimento no trabalho e as estratégias de defesa. Foram realizadas duas técnicas de coletas de dados: entrevistas semiestruturadas e Lego® Serious Play (LSP®). Também participaram do estudo outros atores do cenário esportivo, no intuito de conhecer a organização do trabalho e o ambiente que estão inseridos.

Futebol como uma profissão

Os valores do esporte estão mudando com o tempo. Nos últimos anos, pôde-se observar como a impessoalidade invadiu as relações esportivas. Os processos que envolvem os treinos ficaram rigorosos e a cultura do negócio se apropriou do futebol. Os jogadores tornaram-se uma peça valiosa e seus corpos passaram a ser tratados com alta tecnologia e sobrecarga de atividades. Esta indústria passou a movimentar milhões de dólares; os torcedores agora são consumidores. Trata-se de mudanças da lógica de ação e adequação das organizações esportivas ao mundo do trabalho (Gonçalves & Carvalho, 2006).

As mudanças nas gestões esbarram em problemas práticos decorrentes de mais de 100 anos de futebol amador (Mósca et al., 2009). O poder da Fifa e a transformação do esporte em espetáculo fez com que a gestão dos negócios se tornasse mais importante do que as regras. A representatividade das marcas contribui para movimentação financeira, com a venda de camisetas ou repercussão de um atleta. O Estado se faz presente como regulador e legitimador das mudanças institucionais e as leis exemplificam a entrada da cultura do negócio no esporte.

Na literatura da administração sobre o *pop management*, orientada pelo esporte, Motta et al. (2019) destacam que os temas liderança, trabalho em equipe e superação são os mais mencionados. Os autores sugerem que há uma tentativa de aproximação do esporte aos modelos de gestão, atribuindo características de perfis a dois tipos de esportistas: de um lado, os trabalhadores, o atleta ideal, exemplo para todos, perfeito; e, do outro, o esportista decaído, fracassado (Motta et al., 2019).

O discurso do jogador perfeito e a elevação das exigências e cargas de treino advindas da profissionalização podem acarretar prejuízos ao esportista (Rambaldi & Vieira, 2020). As lesões vêm sendo fonte de preocupação no esporte, uma vez que ocorrem 17 a cada mil horas de jogos da série A brasileira, entre elas, 11,9% precisam de procedimento cirúrgico (Moraes et al., 2018). Estas pesquisas indicam ainda agravantes, como a reincidência de lesões e patologias subnotificadas, que são frequentes e podem levar a aposentadoria precoce. Diversos fatores são associados a ocorrência de lesões: reincidência, fadiga, hidratação, condicionamento, dieta, sono irregular e pouco descanso (Meurer et al., 2017).

Outros profissionais envolvidos no cenário esportivo podem ter realidade parecida. Argumenta-se que os árbitros de futebol estão suscetíveis às mesmas situações e riscos que os jogadores (Oliveira et al., 2016; Penteadó et al., 2015).

Andrade e Ramos (2015) destacam que o futebol está sendo objeto de estudo no meio acadêmico a partir de duas óticas distintas: a paixão ou o fato social. A segunda perspectiva, para os autores, pode ser compreendida e estudada pelas ciências sociais, especificamente a administração. No entanto, por meio de um estudo bibliométrico, os pesquisadores afirmam que, quantitativamente, o desporto vem sendo mais abordado por disciplinas das ciências sociais do que pela administração. Dentro da área, há uma variedade de temáticas que confirmam sua pluralidade. Entretanto, os temas mais emergentes são violência, política, gênero e diversidade. O futebol como objeto de estudo e como fato social se deve a mudanças culturais e econômicas que cercam o desporto.

No Brasil, o futebol como um fenômeno social é marcado por valores e tradições. A atividade começou a gerar riquezas e tornou-se alvo de investimentos e negócios. No momento que a lógica do

mercado invade os clubes e faz com que eles implementem características do universo empresarial na sua administração, o resultado é a ascensão de uma nova perspectiva no discurso dos dirigentes, novos atores envolvidos nos processos, novos procedimentos e categorias (Gonçalves & Carvalho, 2006).

Tonial et al. (2016) discutem a performance administrativa e esportiva de um clube de futebol brasileiro. Para isso, considera-se que, no país, o desporto apresenta significativa movimentação financeira e é o principal esporte do mercado. Os autores afirmam que os gestores enfrentam dilemas relacionados às escolhas estratégicas, provocados pela baixa performance esportiva e administrativa do clube. Tais dilemas estão enraizados na própria mudança do futebol amador para o profissional. Os objetivos que se pretende atingir não ficam claros, comprometem o desempenho da administração e, conseqüentemente, se refletem no campo.

A organização do trabalho

Nesse contexto, existe diferença entre atletas profissionais e não profissionais (em formação), caracterizada pela regulamentação do futebol como profissão durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1936), que marcou a fase de profissionalismo no Brasil. O desporto é organizado de duas formas: a) de modo profissional, em que há remuneração pactuada e contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade da prática esportiva; e b) de modo não profissional, identificado pela liberdade da prática e inexistência de contrato de trabalho, sendo permitido o recebimento de incentivos materiais e patrocínio. No entanto, clubes e empresários negam direitos trabalhistas e adotam práticas abusivas com atletas profissionais e não profissionais (Zainaghi, 2004). Hoje, o Brasil apresenta aspectos sociopolíticos que marcam um processo de precarização do trabalho e perda de direitos (Guimarães & Ferreira, 2020).

A formação geralmente começa aos 12 anos, muitas vezes em regime de albergamento, com trabalhos voltados para o preparo físico e domínio de técnicas corporais e psicológicas (Damo, 2007). Os alojamentos são tidos como possibilidade de superar situações que sancionam o sacrifício em busca da ascensão profissional (Majul, 2017). Os sujeitos são construídos a partir dos valores das organizações esportivas, que giram em torno de sucesso, superação de limites, conquistas, hegemonia e força (Pereira, 2008). Entre os desafios, destacam-se longas horas de treinamento, restrição de atividades sociais, distanciamento dos núcleos afetivos, expectativa da família, desequilíbrio emocional e risco de lesões (Paína et al., 2018).

Por um lado, o futebol assemelha-se a organizações de trabalho contemporâneas, que giram em torno de sucesso, superação de limites, conquistas, hegemonia e força para atingir os objetivos organizacionais, altamente produtivistas. Submetidos à lógica de mercado, os jogadores transformaram-se em mercadoria; os torcedores, em consumidores; o jogo, num ativo financeiro; e o futebol é visto como um grande negócio. De outro lado, o esporte ainda atrai sujeitos por seu caráter de inclusão social, sendo também uma marca cultural do país. Apesar da necessidade de mudanças nas gestões, elas esbarram em problemas práticos decorrentes de mais de 100 anos de futebol amador, conservadorismo e prática oligárquica.

Bazanini et al. (2014) observam que os bens simbólicos, ou seja, objetos artísticos e culturais que recebem valor mercantil, tais como a religião, a política e os esportes, são consagrados e recebem o status de mercadoria. Além do seu caráter cultural, passaram a possuir um caráter de empresa lucrativa. Nesse sentido, a indústria do entretenimento contribuiu significativamente para o mercado dos bens simbólicos, que transformam a arte em mercadoria.

Fica evidente a aproximação dos profissionais desta área a um modo de produção capitalista, que busca o lucro e a produtividade independentemente dos riscos que possam estar causando aos atletas.

Fundamentação teórica da psicodinâmica do trabalho: as relações entre trabalho, saúde e subjetividade

O trabalho ocupa um papel fundamental na vida dos sujeitos. Entretanto, atualmente as organizações abrangem um espaço ainda maior, exigindo perfis de profissionais cada vez desenvolvidos e utilizam o poder para gerir a vida em todos os segmentos, incentivando a padronização de comportamentos, atitudes e vestuário (Sartori & Souza, 2018).

O trabalho, para Dejours (2004), é a ação manifestada por sujeitos para realizar o que não está prescrito pela organização, ou a criação do novo. Esse ajuste exige disponibilidade da iniciativa, da inventividade e de formas de inteligência específicas, próximas do que o senso comum classifica como engenhosidade. O trabalho é considerado fundamental na construção da identidade do sujeito, como estrutura psíquica e principal meio de interação social. Dentro do presente modelo teórico, todos desejam ser produtivos e colaborar com o desenvolvimento das atividades, buscando reconhecimento e valorização por seu trabalho.

As organizações de trabalho sempre terão duas dimensões: a prescrita e a real. A inquietação do trabalhador sempre estará presente porque nenhuma norma prevê todas as situações que podem acontecer. O real do trabalho escapa o tempo todo do prescrito, e o sujeito e/ou coletivo precisam usar a criatividade para improvisar e se adaptar (Molinier, 2013).

Para Dejours (1987), o trabalhador cria estratégias individuais ou coletivas para lidar com o real. O destino do sofrimento não depende só do trabalhador, mas do coletivo e da liberdade de usar sua criatividade. Assim, o sofrimento pode ter dois desfechos: um levará o sujeito ao caminho da saúde, da engenhosidade, do prazer, enquanto o outro poderá levar o trabalhador para o adoecimento, a apatia, a dor (Dejours, 1987). O conceito de sofrimento ético é aquele que o sujeito vivencia quando sua prática profissional vai contra seus princípios éticos e valores morais (Ambrósio et al., 2019).

Quando o sujeito está envolvido com situações que levarão ao adoecimento, as estratégias de defesa podem, inicialmente, protegê-lo. O sofrimento vivido é, na maioria das vezes, negado e não verbalizado. No entanto, há o risco das estratégias de defesa criarem um ciclo que, a longo prazo, conduz ao agravamento do sofrimento e ao adoecimento que tentavam evitar (Moraes, 2013). Elas podem ser causadas devido à exploração do sofrimento pelas organizações, nas quais os sujeitos alienados buscam metas impossíveis de serem atingidas, gerando a autoaceleração, favorecida pelo individualismo e competitividade (Rego, 2013a).

Métodos de gestão ancorados na excelência favorecem a supervalorização da ação e a obrigação de ser forte (Araújo, 2018). As novas formas de gestão carregam uma violência simbólica, difusa e gradual, pois os trabalhadores se submetem gradual e voluntariamente à nova ordem, elaborada por meio de mecanismos de controle e coerção (Schlindwein, 2018). Essas mudanças são estruturadas a partir do discurso da excelência e produtividade, e engajam indivíduos a valores e interesses da organização, através de normas, metas e avaliações. Não raramente o assédio moral é usado como estratégia de gestão. Vieira et al. (2016) apontam que existem alguns tipos de violência: a injustiça social, o assédio moral e organizacional e, até mesmo, o trabalho escravo contemporâneo. Operado como um modo de gerir, o medo tornou-se uma estratégia.

Nos modelos atuais de gestão, espera-se que o trabalhador expanda o tempo, supere os limites e conquiste tudo que parecia impossível trabalhando e se doando integralmente (Merlo et al., 2011). Quando colocadas em jogo, a vaidade e a busca por status podem deteriorar ainda mais as relações de trabalho (Hoffmann et al., 2017). Há, nesse contexto, a desestruturação das formas de solidariedade entre os pares e não só das estratégias coletivas de defesa (Merlo et al., 2011).

O interesse pelo tema surgiu durante a trajetória acadêmica, em que a pesquisadora exerceu estágio em categorias de base do futebol, em um dos quatro grandes clubes de esportes

do Rio de Janeiro, conhecendo, além dos clubes e profissionais, as empresas que agenciam atletas. No percurso como estagiária de psicologia, foram observadas diversas particularidades do trabalho daqueles jovens que, finalmente, assinavam seu primeiro contrato profissional, e não mais de formação, apesar de já encararem a rotina dos atletas há muitos anos. As carreiras têm início na infância; na adolescência, a atividade de lazer se torna um desejo – ou necessidade – de crescimento.

Com o ingresso no Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal Fluminense, a pesquisa foi delineada com pesquisadores de outras áreas de conhecimento, como Administração e Pedagogia. Nesta oportunidade, também foram feitos os treinamentos necessários para aplicação das técnicas de dados.

Método

A pesquisa qualitativa é relevante no estudo de relações sociais devido à pluralização das esferas da vida (Flick, 2009). Neste estudo, foram empregadas duas técnicas de coletas de dados: entrevistas semiestruturadas e LSP®.

Participantes

Foram entrevistados sete jogadores do futebol masculino de clubes da série A do estado do Rio de Janeiro. A faixa etária abarcou sujeitos dos 19 aos 32 anos. O grau de escolaridade variou entre ensino médio incompleto e completo. Somente um deles chegou a se matricular em um curso superior de educação física. Todos tiveram experiências em diferentes estados do Brasil ou em outros países. Também participaram da pesquisa outros atores do cenário do futebol, no intuito de conhecer a organização do trabalho e o ambiente em que os atletas estão inseridos. Foram entrevistados um agenciador de carreira (empresário), dois preparadores físicos/treinadores, dois técnicos de equipes e duas mães de atletas. Em todos os casos, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com as diretrizes e normas de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Procedimentos

O contato com os membros foi feito por meio da técnica *snowball* (Baldin & Munhoz, 2011), em que um entrevistado indica outros participantes para as próximas seções e assim sucessivamente, até que se encontre o “ponto de saturação”, entendido como o momento em que as respostas começam a ser repetitivas, sem adicionar informações novas relevantes para a pesquisa. Os indicados são chamados de “filhos” e os participantes iniciais de “sementes”. As “sementes” foram localizadas através de a) uma empresa que agencia atletas, com nome preservado, que atua na cidade de Niterói e possui profissionais em diversos estados e b) páginas e grupos de atletas. A mesma técnica foi utilizada para entrar em contato com outros atores do cenário esportivo. As “sementes” foram encontradas em a) páginas e grupos de mães de atletas em redes sociais; b) contato com autores de livros a respeito de sua experiência com atletas; e c) agência de atletas. Os encontros aconteceram de acordo com a disponibilidade dos participantes, nos escritórios, universidades ou locais de trabalho. Todas as etapas foram gravadas e fotografadas para transcrição e análise.

As entrevistas individuais seguiram um roteiro semiestruturado, que contou com três categorias preestabelecidas: 1) trajetória, 2) gestão do trabalho (condições de trabalho, organização do trabalho e relações de trabalho) e 3) vivências de prazer, sofrimento e estratégias de enfrentamento. A escolha foi feita para obter informações sobre os entrevistados, com perguntas baseadas no referencial

teórico. No caso dos atletas, após a entrevista semiestruturada, foi elaborado um modelo com LSP®, com propósito de aprofundar a coleta de dados.

A tese de Huizinga (1999) trata da ação de jogar como uma realidade originária, correspondente às noções primitivas do ser humano. O jogo pode abrir uma brecha, um intervalo no sério cotidiano, revelar um leque de possibilidades e introduzir um espaço lúdico. O uso da técnica do LSP® buscou retratar simbolicamente, através de modelos, situações vividas pelos participantes (McCusker, 2014). A teoria consiste a) na importância da brincadeira como caminho para aprendizagem; b) no construcionismo; c) na conexão entre mãos e mente como caminho para o pensamento criativo e expressivo; e d) no papel da imaginação (Frick et al., 2013). Seu uso faz com que experiências sejam canalizadas e criem histórias baseadas em analogias.

O método LSP® apresenta um roteiro a ser seguido, que passa pela abordagem da questão, a construção, o compartilhamento e a reflexão (Lego Serious Play, 2002). Os entrevistados foram solicitados a refletir e elaborar um modelo que represente o contexto de trabalho, tendo à sua disposição uma mesa com diversos brinquedos. Após montado, o participante foi convidado a explicar cada um dos elementos, justificando suas escolhas e exemplificando-as (McCusker, 2014).

Em relação ao material, não há aspectos que restrinjam ao uso somente do LEGO®, estendendo-se para qualquer brinquedo que permita a expressão de ideias e realidades e que estimule o compartilhamento e a reflexão válidos para o método. Além do LEGO®, outras figuras que possuem caráter potencial simbólico foram usadas. As etapas foram aplicadas sequencialmente, caracterizando a sua evolução e aprofundamento (Quadro 1). O tempo das entrevistas foi de aproximadamente duas horas.

Quadro 1: Etapas da metodologia

Etapa	Consiste em	Objetivo
Apresentação	Apresentar a metodologia e suas etapas	Informar e minimizar a ansiedade
Entrevista	Entrevista semiestruturada	Obter informações
LSP®	Criar um modelo que simbolize suas experiências no trabalho	Montagem do modelo e construção de metáforas e símbolos
Compartilhamento	Explicar os significados atribuídos, detalhando cada item do modelo	Explorar metáforas e símbolos elaborados e coletar dados profundos
Reflexão	Marcação de pontos críticos	Identificar pontos importantes

Fonte: Elaboração dos autores a partir do planejamento e execução da pesquisa de campo.

Codificação e análise dos dados

A codificação de todo material foi feita com base nas descrições dos modelos, junto com as transcrições das etapas anteriores. As fotos foram marcadas de acordo com a descrição do entrevistado e utilizadas para ilustração, comparação e contraste dos resultados. Os métodos de codificação e análise basearam-se nas diretrizes de Saldaña (2013) e Aylmer (2016), que elaborou um manual de codificação para pesquisas qualitativas. O propósito é detectar padrões, analisar, categorizar e construir teorias sobre os achados.

O processo ocorre com a pré-codificação e a codificação, que consistem na observação dos dados coletados, com a marcação, os grifos das passagens ou itens que chamem atenção. A codificação em forma de transcrições e imagens foram divididas em partes, às quais foi atribuído sentido para identificar padrões (Saldaña, 2013).

Por questões éticas (Grillo, 2013), não há uma tabela, geralmente usada em pesquisas, com qualquer dado que possa comprometer o sigilo. Os pesquisadores se esforçaram para que a apresentação do material empírico e a exploração das narrativas não fossem comprometidas. Optou-se por revelar apenas o papel que o sujeito representa no contexto.

Resultados e discussão

Outros atores em campo

As narrativas de outros atores do contexto futebolístico forneceram informações da rotina de trabalho, gestão, problemas e vivências. Esses atores, sejam eles familiares, técnicos, gestores de carreira ou pessoas que exerçam qualquer outra função nos clubes, representam figuras fundamentais e relacionadas diretamente com o dia a dia dos jogadores, desde a iniciação do futebol de base até “pendurar as chuteiras”. Vale destacar que a aposentadoria como atleta pode ser um ponto de partida para o início de uma nova carreira. Os dados sugerem que, no momento que ser jogador não é mais possível, esses indivíduos optam por outras oportunidades dentro do cenário esportivo.

Com exceção de apenas um preparador físico, o primeiro fato interessante observado é que os profissionais envolvidos no dia a dia dos atletas já praticaram o esporte em algum momento da sua trajetória.

Eu fui atleta profissional por muitos anos. Consegui jogar alguns anos no (clube), fui reconhecido e sou muito grato por isso... Depois da minha lesão, vi que eu não ia conseguir recuperar fisicamente todo aquele tempo perdido, aí fui procurar estudar, e eu leio muito (Técnico A).

A possibilidade de um ex-atleta tornar-se treinador advém, além do incentivo de dirigentes, da formação para esta função, que pode ser através de um curso superior em Educação Física ou um curso da CBF de treinador de futebol para ex-atletas. No caso dos empresários, é feito um curso de gerenciamento de carreiras disponível em entidades esportivas.

Fica evidente no conteúdo das entrevistas que os empresários também cuidam da vida pessoal dos jogadores e são responsáveis por auxílios financeiros e materiais para o desenvolvimento do atleta, principalmente nas categorias de base. As vivências desses atores como jogadores influencia a forma como lidam com o novo trabalho, administram, instruem, treinam e cuidam dos atletas.

Os atores entrevistados ressignificam a sua experiência anterior através de uma nova carreira. No entanto, alguns verbalizam as dificuldades que enfrentaram e pensam em proporcionar mudanças nesse contexto, lutando por espaços mais justos e saudáveis. Outros acabam repetindo violências que foram sofridas e naturalizam as injustiças. A naturalização faz com que possam se tornar apáticos e corroborarem com gestões e modos de funcionamento nocivos. Os entrevistados absorvem discursos gerencialistas e acreditam ter descoberto “fórmulas” para o sucesso.

No Brasil, a transição da gestão dos clubes para a profissionalização incluiu a adoção de características de modelos econômicos e empresariais que muitos profissionais desconhecem ou não concordam em aplicar, pois eles não julgam ser “compatíveis” com a essência do futebol. A tensão oriunda da profissionalização do futebol criou conflitos éticos e políticos dentro dos clubes. Criou-se um problema entre o que significava o tradicional futebol e aquilo que o novo futebol, baseado em um modelo empresarial, está exigindo.

Nas narrativas dos entrevistados, o papel da família aparece destacado no quadro esportivo. A dinâmica de formação, que tem início na infância e requer uma rotina rigorosa de treinos e hábitos, faz com que não só os atletas estejam inseridos nesse meio, como torna a família uma participante do processo de profissionalização.

A presença da família nos treinos, nas competições e na vida pessoal do atleta faz com que ela se torne ativa no clube e na relação com os empresários. A dedicação familiar é tida como um fator desejável e decisivo para alcançar a profissionalização. Para muitas famílias, também existe a chance de ascensão econômica.

Às vezes me sinto até culpada! Ainda bem que deu tudo certo no futebol (risos). Foram milhares de faltas e atrasos. Eu já nem sentia mais vergonha de ir pedir segunda chamada de prova. É muito difícil acompanhar tudo por conta da rotina. Algumas escolas diziam “tudo bem, aqui vamos encontrar um jeito”, mas logo depois ligavam avisando que não poderiam mais ajudar, e lá ia eu procurar outra escola (Mãe A).

Os clubes e empresários consideram a dedicação da família como um fator desejável e decisivo para alcançar o objetivo da profissionalização. As mães viabilizam os primeiros treinos, mantêm contato com os clubes e empresários e sustentam emocionalmente os filhos. Para muitas famílias, além do sonho de se tornar um atleta, existe a chance de ascensão econômica, que faz com que se estimule a formação e o crescimento profissional. Ao responderem sobre pontos positivos que o futebol trouxe, destacam vitórias, resultados positivos e argumentam que a inserção no esporte gera amadurecimento e faz com que os jovens vivam experiências que geralmente não são vividas por adolescentes.

As mães mencionaram dificuldades financeiras, distância, falta de apoio para enfrentar doenças e lesões, pressão da torcida, frieza dos dirigentes e represálias, rotina intensa e desgastante, afastamento do ambiente escolar, instabilidade do emprego e falta de independência.

As mães comentaram sobre uma rede de apoio que conta com mães de jogadores em formação, profissionais e ex-jogadores. Elas relatam que a troca de informações, o compartilhamento de conhecimento e oportunidades, o espaço para falarem sobre suas rotinas, contarem suas vitórias e dividirem seus medos e angústias gera conforto e força no momento de lidar com a carreira dos filhos. Uma das mães destaca que, mesmo com filhos em fases diferentes, elas sempre se dispõem ao diálogo umas com as outras. Ela conta que organizam encontros quando possível, pois no grupo há mães de diversos estados.

O grupo parece oferecer suporte e exercer um papel fundamental para que elas percebam que não estão passando por tudo sozinhas. A troca de experiências e até mesmo a ajuda de outra pessoa que possivelmente está mais próxima do filho foram benefícios mencionados pelas entrevistadas. A luta pela formação e profissionalização de qualidade e que respeite a vida, os limites e individualidades faz com que elas tenham fôlego para estabelecer o diálogo com clubes e profissionais que estão dispostos a ouvi-las.

Trajetórias: estradas percorridas até chegar ao gramado

A maior parte dos atletas considera que o início da carreira ocorreu aos 10 anos. As idades menos citadas, 9 e 12 anos, foram relatadas pelo jogador mais novo e mais velho, respectivamente. Isso significa que, nesta pesquisa, quanto mais novo, mais cedo o atleta iniciou na carreira esportiva. Todos os entrevistados se apresentaram como atletas de futebol.

Sou jogador de futebol. Jogador não... atleta! Porque jogador é aquele cara que não quer nada, que não vai pro treino, aquele jogador com problema (Atleta A).

A diferença marcada pretende mostrar a seriedade com que buscam trabalhar, se distanciando do estereótipo “jogadores”, que possuem características tidas como negativas, como chegar atrasado em treinos e frequentar festas constantemente.

A fase do futebol de campo, que antes tinha início por volta dos 12 anos na categoria sub-13, hoje acontece mais cedo, com a criação de categorias a partir do sub-11. Antes dessa idade, ainda é possível que a criança pratique escolinha de futebol ou futsal. Geralmente, os clubes treinam categorias de futsal a partir do sub-8.

Questionados sobre a escolha profissional, alguns motivos se repetiram: sonho, dom e paixão. A maioria afirmou que escolheu seguir a profissão porque sempre foi um sonho, e não souberam ser exatos quanto ao momento que esse desejo foi despertado.

Devido à representação que o futebol ocupa no país, é comum que não só os atletas atribuam status para o esporte, como toda sua família. Além disso, a possibilidade de ascensão social faz com que jovens sejam incentivados e desejem seguir a profissão para ter um bom salário e ajudar a família.

A narrativa dos entrevistados indicou pontos importantes referentes à transição para a categoria profissional. Parte dos interlocutores indica atributos para a trajetória no esporte, como ser profissional, se superar, estudar, se dedicar, ser responsável, seguir normas, respeitar o clube e as orientações dos profissionais, ouvir, ter bons relacionamentos, treinar bem, ter uma alimentação saudável e seguir uma rotina de sono e treinos. Por outro lado, devem ser evitados vícios, brigas, festas, ganância, excesso de competitividade e crueldade. Tudo deve ser seguido durante o treino, fora dele e nas férias. Desde a infância o esporte é levado a sério, e suas capacidades devem exceder as expectativas. Merlo et al. (2011) apontam que doenças ocupacionais ocorrem porque se espera que o trabalhador expanda cada vez mais o seu tempo, supere seus limites e conquiste aquilo que parece impossível trabalhando e se doando integralmente.

Condições, organização e relações de trabalho no futebol: a busca pelo “atleta ideal”

O objetivo desta seção é compreender como a organização do trabalho tem papel significativo na saúde do trabalhador, pois ela estabelece a divisão do trabalho (tarefas, modo operatório, regras) e de pessoas (hierarquia, divisão de responsabilidades). Para a PdT, essa organização do trabalho movimenta ações que tem impacto no aparelho psíquico. Nesta pesquisa, o contexto do trabalho dos atletas não parece se diferenciar dos modelos de gestão de outras organizações no que diz respeito às cobranças que são feitas aos esportistas, que devem atender a expectativas sempre maiores da organização.

Desde muito cedo, como destacado no subcapítulo anterior, crianças são estimuladas a iniciar carreiras esportivas, mesmo sem se dar conta do que esse processo envolve. Nos relatos coletados por esta pesquisa, a própria família relata que não compreendia e imaginava tudo que envolvia a formação e a profissionalização. O futebol segue modelos rígidos, e os valores empresariais sustentam o foco nos resultados comerciais, enquanto profissionais são contratados para aplicar esquemas táticos sofisticados.

Em relação à profissionalização, o empresário explica que o contrato pode ser feito aos 16 anos, e os atletas se tornam funcionários da organização. Antes disso, existe o contrato de formação, que pode ser feito a partir dos 14 anos. Segundo os dados, os atacantes costumam assinar contratos antes daqueles que atuam em outras posições. Essa distinção sugere uma hierarquia dentro do time.

Pro clube é melhor ele ter o de formação, porque os encargos deles são menores, entendeu? No contrato profissional o clube tem muito encargo pra pagar, né? Pro menino, é lógico que pra ele é o profissional, porque é melhor pra ele, mais garantias, uma série de coisas. Tem a diferença do salário também. No contrato de formação pode receber, mas depende do clube, isso varia de clube pra clube, e de atleta pra atleta (Empresário A).

De acordo com Zainaghi (2004), é possível que um atleta ganhe ajudas de custo dos empresários e receba patrocínios de marcas.

Geralmente, o menino já com 14, 15 anos, que a gente vê potencial nele, a gente já tenta montar um link dele . . . é filmar alguns jogos e montar um link com os melhores lances dele e já começar

a mostrar lá fora, ele com 15 anos. Pra ele já entrar e, vamos dizer assim, entrar no radar dos clubes lá. E a gente tem muito contato com diretor de clube lá, entendeu? E a gente apresenta os jogadores pra eles darem uma olhada. A gente capta eles, mas eles que contratam a gente pra trabalhar pra eles, a situação é inversa. A gente paga eles, com ajuda de custo. Mas a gente é contratado por eles, pra trabalhar, tanto que a gente não ganha nada nessa parte inicial, aí com o menino com 13, 14, 15, a gente só investe, né? A gente não tem nenhum tipo de retorno ou remuneração em uma idade dessa, é um investimento que a gente faz. O retorno vem lá na frente (Empresário A).

Entre os “investimentos” estão materiais esportivos, passagens de ônibus para frequentar os treinos, plano de saúde, suplementos alimentar, dinheiro, bens materiais para família (como material para obra) e até mesmo aluguel de imóveis. Essa dinâmica é diferente do que acontece nas empresas. Não existe em outros meios de trabalho a figura de um agenciador, que media a relação entre funcionário e empregador. A autonomia dos empresários para elaborar os vídeos e enviar para gestores de outros países marca a falta de liberdade dos atletas.

Os atletas se descrevem subordinados aos dirigentes e técnicos. Devem acatar e seguir as regras e instruções, sem questionar. Ao contrário do que sugere a PdT, as exigências são elaboradas por gestores e outros profissionais. Seria importante que houvesse a adequação dessa organização e que as informações fossem acessíveis para os atletas. Junto com elementos deletérios à saúde (metas desmedidas, avaliações injustas, competição exacerbada), há o perigo da falta de informação inviabilizar a transformação do sofrimento e se tornar patogênico (Moraes, 2013).

Alguns atores sugerem que os clubes de futebol procuram por um modelo de “atleta ideal”.

Atleta é aquele cara dedicado, que vai aos treinos, respeita a camisa que veste, não vai pra balada, não fica se expondo, não se envolve em briga, fofoca ou confusão. Hoje em dia não querem o jogador problema! A gente quer um atleta que se alimenta bem, que segue as recomendações das pessoas que trabalham no clube, que aproveita bem o momento que está vivendo (Treinador B).

O “atleta ideal” destacado pelo treinador e ex-atleta se alinha com os “manuais” para o sucesso profissional analisados por Motta et al. (2019), em que os temas sobre liderança e superação aparecem como características de um esportista ou trabalhador vitorioso, enquanto menosprezam a figura de um “esportista decaído”.

Figura 1: “Atleta ideal” (LSP®)



Fonte: foto dos autores.

Há uma via que adequa os discursos gerenciais do esporte, os quais se alinham às novas formas de gestão à medida que sustentam a existência de um indivíduo forte, capaz de superar obstáculos sem dificuldade, que se relaciona bem, tem espírito de liderança, é responsável, obediente, incorpora objetivos organizacionais em detrimento dos próprios desejos e não participa de conflitos. Tais argumentações, na verdade, defendem a existência de um indivíduo que não existe.

Quando a organização do trabalho apresenta essas características produtivistas, alcançar metas e resultados se torna o mais importante, independentemente das consequências físicas, psicológicas e sociais que podem deteriorar os trabalhadores. A rigidez da organização do trabalho pode entrar em conflito com a subjetividade. Junto com elementos deletérios à saúde (metas desmedidas, avaliações injustas, competição exacerbada), há o perigo de inviabilizar a transformação do sofrimento, o qual pode se tornar patogênico (Moraes, 2013).

Alinhar o esporte a lógicas gerencialistas de mercado pode afetar ao que se remete o esporte: a saúde. A organização do trabalho apresenta uma série de contradições que incidem sobre a saúde mental e física dos trabalhadores. Repensar essa organização requer o afastamento da prescrição e a interpretação do real diante das dificuldades concretas, considerando todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

As condições de trabalho, como pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas, desencadeiam desgaste, envelhecimento e doenças somáticas no trabalho. Araújo (2018) aponta que gestões que expõem os trabalhadores a situações precárias dificultam que o ator social imprima sua engenhosidade e ponha em prática o seu próprio saber fazer, o seu modo de trabalhar.

A falta de estrutura e investimento parece prejudicar os profissionais envolvidos, colocando em risco a saúde à medida que aumentam os riscos de acidentes e lesões. A ausência de empenho em manter a vida escolar dos atletas da base aparece como uma preocupação dos treinadores e empresários, que compreendem os riscos e incertezas da ocupação.

A estatística de sucesso é muito pequena, é pequena demais. Você pega aí uma safra do clube com 30 jogadores, dos meninos hoje que tem 15 anos de idade, vamos supor que tem 30 jogadores no elenco. A estatística mostra que dali, dois vão chegar com sucesso. Ou seja, é muito pequeno. Muito pouco. Uns vão desistir no meio do caminho, outros vão trabalhar com o pai, outros vão ficar em time pequeno, ganhando mil, dois mil reais, batendo cabeça por aí... Agora, que vão realmente viver do futebol, que vão ter um salário digno, são dois, três no máximo. Isso não sou eu que tô falando não, tá? É estatística (Empresário A).

As relações socioprofissionais vividas pelos atletas são formadas por elementos interacionais que expressam as relações interpessoais presentes no cenário que atuam e caracterizam sua dimensão social (Ferreira & Mendes, 2003). Além dos empresários, os atletas mantêm relações hierárquicas com outros membros das organizações esportivas e colegas de equipe. Em relação aos pares, comentam sobre bons relacionamentos em um ambiente que conseguem se divertir e compartilhar experiências. As interações externas, que incluem a mídia e as torcidas, influenciam na organização do trabalho e nas vivências. Por ser um esporte amplamente conhecido, os atletas são alvo de notícias e usados como modelos por agências de marketing. O papel da mídia é tão importante que os jogadores participam de treinamentos para falar em público e atender jornalistas.

Somadas a organização e condições de trabalho, as relações são fundamentais para compreensão das vivências de prazer e sofrimento, pois o trabalho não se encerra na relação do sujeito com sua atividade. Assim, não é possível exercer uma função sem esbarrar em outro sujeito, que, por sua vez, carrega consigo diferentes expectativas e histórias (Dejours, 2004).

As vivências dos atletas de futebol

Sofrimento ético e violência: “Sofri injúria racial e mostrei que não estava disposto a passar por aquilo!”

Um dos atletas passou por episódios de racismo e usou o alcance que a situação teve para lutar por seus direitos, que não foram garantidos pelas instituições. O jogador teve depressão, perdeu contratos, sofreu ameaças e violências, o que o levou a vivenciar o sofrimento patogênico. No entanto, o trabalhador se reconheceu na função de um atleta que luta contra o racismo e obteve a retribuição simbólica de outros atletas que se espelham nele para falar mais sobre os seus direitos e situações vividas no campo (Dejours, 1987).

O futebol ainda é racista e a sociedade ainda é racista. É tão racista que faz a vítima se sentir culpada e pagar caro por isso . . . Eu sofri injúria racial e mostrei que não estava disposto a passar por aquilo! Pra mim não importa se acham que usei a situação pra aparecer, eu sei que isso precisa ser falado, discutido e divulgado pra que todo mundo que passa pela coisa possa se fortalecer e lutar pra não passar a vida toda por aquelas mesmas situações e ouvindo aquelas coisas (Atleta C).

O sofrimento ético sofrido levou a mobilização para enfrentar a situação. As violências podem ser identificadas em situações de assédio, nos valores colocados em segundo plano, na quantificação e coisificação dos sujeitos e seu trabalho e no silêncio. O trabalho alienado mortifica sujeitos e coletivos, tornando-se um trabalho morto, caracterizado por vivências de silenciamento e solidão (Ferreira, 2016).

Schindwein (2018) observa que as novas formas de gestão abrigam uma violência simbólica, que é ao mesmo tempo difusa e gradual. Os trabalhadores se submetem voluntariamente às ordens elaboradas por meio de mecanismos de controle e de coerção, caracterizando o assédio moral.

Em situações como essas, que incitam medo e/ou angústia, o trabalhador perde a capacidade de se afetar, transformar a si e o ambiente que está inserido, agir perante as situações, produzir mudanças, se engajar nas tarefas e ter mais comprometimento e prazer com sua atividade.

A um chute do sofrimento patogênico: “Tem que ter noção de que é uma pessoa que tá ali!”

Nesta pesquisa, alguns núcleos que apresentam pontos positivos do trabalho são também os que abarcam desvantagens de atuar como atleta profissional de futebol. Os participantes indicam dificuldades de relacionamento, desorganização da gestão e falta de tempo livre. Aspectos como “estar longe da família”, “perder o crescimento dos filhos”, “conviver com um treinador que não gosta”, “não ter finais de semana”, “atraso de salário” e “instabilidade” foram destacados.

O distanciamento dos laços familiares, restrição de atividades sociais e expectativa da família são desafios da carreira anteriormente destacados por Paína et al. (2018). Somados a uma formação rígida e incomum para maioria dos jovens, exerce ainda mais pressão sobre os resultados. Essas situações podem levar o trabalhador a outro destino: o do sofrimento patogênico (Dejours, 1994).

A situação mais difícil que já enfrentei na minha vida partiu da atitude da torcida. Eu tento não achar que a torcida toda é assim. Mas ao mesmo tempo eu sei que toda sociedade é racista e no futebol e no meio de tanta gente eles acham que podem falar tudo que querem. E quando o que eles querem é te ofender? Ou até mesmo ofender sua família? É uma brincadeira que a gente faz de xingar família, mas no meu caso foi sério, isso é muito sério pra mim. Mas tem muita gente também que depois ficou

do meu lado, e uns nem eram da minha torcida. Acho que minha relação é com as pessoas que torcem não pra um time, mas pro futebol. Tem que ter noção de que é uma pessoa que tá ali! (Atleta E).

A relação com as torcidas tem origem na exposição do atleta na mídia. Eles reconhecem o papel dos meios de comunicação, mas reforçam que as cobranças crescem no momento que estão em times “vitrines”. Quanto maior o sucesso do clube, mais expostos o jogador e sua família se tornam. Ao descrever os sentimentos relacionados a esta exposição, no entanto, eles relatam sentir orgulho, pois significa que atingiram outros objetivos, como atuar em um time reconhecido.

O poder da figura do “atleta ideal” faz com que os objetivos dos atletas se tornem o resultado que esperam dele. A gestão focada no desempenho, por sua vez, visa a homogeneização dos comportamentos (Moro & Amazarray, 2019). O trabalhador é tomado pelo discurso que alinha o narcisismo ao desejo de reconhecimento, colocando-se a serviço da organização e se esforçando para atender tudo o que é imposto, já que não quer decepcionar. Esse processo gera, além da identificação com a organização, a fácil adesão a normas e valores do sistema, a submissão às imprevisibilidades da carreira, o risco de demissão, a aceitação sem questionamento de metas, a pressão por resultados e a alta competitividade no esporte. Um atleta diz que “é sempre preciso ser o melhor”.

Figura 2: O melhor (LSP®)



Fonte: foto dos autores.

Através de regras, metas e avaliações, os sujeitos vão sendo engajados por meio de um discurso enraizado na produtividade. É curioso como uma linguagem relacionada a produtos vai sendo incorporada para se referir aos atletas. Expressões como “criar uma vitrine”, “negociar um atleta”, “fui vendido” são utilizadas por todos os atores entrevistados e pelos próprios jogadores. Um dos participantes diz se sentir apenas um “instrumento” usado pelo clube para atingir objetivos empresariais. Nesse momento, ele usa uma peça de jogo para se referir aos atletas.

Ao contrário do reconhecimento e cooperação, essas situações podem levar os atletas ao sofrimento patológico. Isso pode acontecer pela alta competitividade e cobrança. Outros profissionais e a sociedade naturalizam perigos e lesões que envolvem o alto rendimento, desconsiderando que eles denunciam não só possíveis acidentes por conta do contato físico, mas também um desgaste

físico e psicológico. A maioria dos atletas não considera que já adoeceu, mas relata lesões, contusões, fraturas, torções e dores musculares. Para eles, “é normal” se machucar.

Figura 3: Peças do jogo (LSP®)



Fonte: foto dos autores.

Eu já me machuquei umas vezes e tive uma lesão mais séria que não gosto nem de lembrar, fiquei muito tempo fora. Mas doença mesmo eu nunca tive. (Atleta D)

Lesões de joelho, de ligamento, lesões graves de joelho. Teve um jogador nosso que teve duas, três lesões no mesmo joelho, aí é difícil, é difícil. Mesmo com todo avanço da medicina, o jogador perde muito tempo, né? Em recuperação. Às vezes leva um ano pra se recuperar. Aí volta. Aí tem outra lesão. Isso tudo vai mexendo com o psicológico do atleta, né? Tudo vai... a não ser que seja um atleta muito focado, um atleta que seja... aí ele vai dar a volta por cima. Mas se não, realmente, desestimula, né? (Empresário A).

Quando o empresário fala sobre os riscos, fica evidente que este é o motivo de afastamentos e desistências da prática. Por ser uma função que exige muito esforço físico, os entrevistados relatam que qualquer tempo afastado dos treinos pode prejudicar o rendimento e, conseqüentemente, a carreira. Em alguns casos, as lesões podem ser irreversíveis e impedem a volta ao campo. Ao sofrer uma lesão, o atleta é imediatamente substituído, o que pode gerar ansiedade durante o tratamento. Há o medo de perder não só a titularidade, como ser impedido de voltar ao trabalho. Até 47% dos atletas são forçados a encerrar a carreira por lesões (Meurer et al., 2017).

É o pesadelo de todo jogador: o departamento médico (DM). Nunca se sabe o que pode acontecer. Tem atleta que vai para o DM e não volta, ou fica meses e meses pra se recuperar de uma lesão, ou até mesmo tem que operar, imagina! (Treinador B).

Um participante comenta que a vida como profissional é instável e requer constante adaptação, pois tudo acontece de forma pouco previsível e muda rapidamente. Apesar da tentativa

de equilíbrio, observa-se que os jogadores vivenciam o medo e reforçam o discurso da produtividade. A solidariedade entre colegas é enfraquecida à medida que cresce a ameaça do desemprego.

Destinos criativos para o sofrimento: “Pra mim, a melhor parte do trabalho é isso”

A PdT pressupõe que um dos fatores que possibilita as vivências de prazer no trabalho é o reconhecimento (Dejours, 1994). A maioria dos participantes se diz realizada e reconhecida pelo trabalho. É possível perceber que a maior fonte de reconhecimento parte do olhar de outros atletas. Por ser um esporte de grande expressão, há um grande significado social do papel ocupado, e as narrativas se voltam para realização, sonho, status, remuneração, sucesso, orgulho e determinação.

As torcidas aparecem na narrativa da maioria dos entrevistados como uma forma de reconhecimento no trabalho. Os elos formados entre os atletas permitem que sejam formados laços baseados na confiança e no respeito, que podem engajar a cooperação entre os pares.

O reconhecimento, a cooperação e os espaços de fala são fundamentais para dar um destino criativo para o sofrimento (Moraes, 2013). Em um dos modelos feitos por um participante que falava sobre a pressão sofrida, ele coloca colegas de trabalho ao seu lado, representando a formação de um grupo que enfrenta situações adversas unido. Podemos refletir sobre como as dimensões de prazer e sofrimento não são opostas e tampouco impedem que a outra ocorra.

Figura 4: Pressão (LSP®)



Fonte: foto dos autores.

Um dos atletas explica que a rotina impedia que, durante a adolescência, ele frequentasse lugares que outros jovens da mesma idade frequentavam. Já os colegas atletas mantinham uma rotina semelhante e compartilhavam momentos juntos após os treinos. As relações entre os colegas de trabalho sustentam um ambiente em que é possível compartilhar suas vivências. Apesar do clima competitivo, quando os atletas conseguem criar vínculos e confiança, é construído um espaço prazeroso, em que a cooperação permite fortalecer o coletivo. Os dados das entrevistas também sugerem que treinadores que estabelecem uma relação horizontal com os atletas são citados em vivências de prazer no trabalho.

O sofrimento criativo é sustentado pela flexibilidade e liberdade do trabalhador para negociar e expor suas opiniões. Quando a chefia apoia o grupo, o uso da sua criatividade é permitido e os

sujeitos têm possibilidade de serem reconhecidos (Dejours, 2004). Esse é um dos destinos próximos da saúde mental, da qualidade de vida e bem-estar, pois permite a reinvenção e possibilita dar sentido ao trabalho (Dejours, 1987).

Pra mim, a melhor parte do trabalho é isso. Quando a gente pode conversar e brincar com os outros atletas, que estão ali passando por tudo com você, que entendem o sofrimento todo que a gente passa e conversam sobre tudo. É bom sentar e conversar e ter amigos ali. A gente passa a vida toda ali, nossos amigos são dali (Atleta C).

Quando o sujeito encontra no trabalho elementos importantes, como a oportunidade de ressignificá-lo, o coletivo é favorecido por espaços de discussão, sejam eles formais ou informais, ou quando o grupo é tomado pela cooperação, é possível que ajude a alcançar o prazer no trabalho.

A cooperação e amistosidade entre pares são um facilitador e fonte de vivência de prazer. Essas relações contribuem para o processo de mobilização subjetiva e funcionam como regras de conduta, que atuam como suporte quando expostos a situações que levam ao sofrimento patológico, minimizando a possibilidade de adoecimento (Dejours, 2004). A qualidade do trabalho no esporte pode dizer sobre a qualidade da cooperação, principalmente por se tratar de um esporte coletivo.

Silva (2010) destaca que “por ser muito almejada e valorizada financeiramente pela sociedade, além da satisfação proporcionada pelo sentimento de utilidade ao clube, o status social que a profissão proporciona alimenta o imaginário das pessoas” (p. 78). É possível perceber que a sensação de conquistar o objetivo de chegar ao futebol profissional representa a realização de um sonho e permite o trabalhador experimentar vivências de prazer no trabalho.

Formas de defesa: “O pessoal sempre zoa, né?”

A defesa é a luta do sujeito quando ele está envolvido em situações que levarão ao adoecimento (Moraes, 2013). Observamos narrativas de atletas que negam o maior risco de adoecimento e aposentadoria, isto é, as lesões. Os problemas são ignorados e se desconsidera a necessidade de qualquer alteração na rotina ou funcionamento.

As exigências e elevadas cargas de treino podem não produzir somente adaptações positivas e ganhos físicos, como pode acarretar prejuízos aos atletas. Sabendo disso, o sentimento de medo pode predominar entre esse grupo de trabalhadores. Isso acontece porque em uma situação de medo ou angústia, o trabalhador começa a perder a capacidade de se afetar, transformar, agir perante as situações, produzir mudanças, se engajar nas tarefas e ter mais comprometimento e prazer com a organização. Ao contrário do desejável, ele vai se paralisar, causando uma apatia em relação ao trabalho e aos demais colegas.

A ansiedade e medo podem aumentar a ponto dos desgastes físicos e psicológicos serem banalizados e encarados como se fossem parte da forma normal de trabalhar e viver (Merlo & Lapis, 2007). No processo de instalação da apatia no ambiente de trabalho, começam a aparecer o que a teoria da psicodinâmica do trabalho denomina estratégias defensivas (Moraes, 2013).

Em relação às doenças, os participantes apontam que são unicamente relacionadas a algo infectocontagioso ou degenerativo. Esse processo pode ser interpretado como um mecanismo de defesa, que nega o adoecimento e sofrimento. As estratégias de defesa protegem o aparelho psíquico do sofrimento causado para que não adoçam. Essas regras e condutas são elaboradas individual ou coletivamente entre trabalhadores (Dejours, 1994). Trata-se de mecanismos de defesa quando individuais, e processos de defesa quando construídos em grupo.

Um preparador físico afirma que existem profissionais que já tiveram ou estão em tratamento para câncer de pele e associa a doença a longos períodos de exposição ao sol sem proteção adequada.

Na minha comissão dois colegas já tinham tido câncer de pele, então a gente sempre tomava cuidado, mas é complicado. Realmente durante os treinos são muitas horas no sol, e quase o dia todo, é bem perigoso, tem que repassar o protetor toda hora porque a gente transpira muito e sai. O pessoal sempre zoa, né? Quando me vê de boné passando protetor toda hora, mas é só brincadeira (Treinador A).

As piadas em torno de um problema que põe em risco a saúde podem ser consideradas estratégias de defesa. Moraes (2013) identifica que o sofrimento é, na maioria das vezes, negado e não verbalizado. A virilidade, uma estratégia relacionada às questões de gênero, possibilita o sujeito suportar um trabalho que o expõe a riscos (Rego, 2013b). O perigo acontece porque as estratégias podem ser aproveitadas pelas organizações, à medida que os sujeitos não se dão conta que estão sendo explorados e ficam alienados, buscando metas impossíveis, e com características de autoaceleração (Rego, 2013a). O uso de estratégias pode ser explorado por um tempo, beneficiando o produtivismo, mas em longo prazo pode ser altamente destrutivo (Moraes, 2013).

A pesquisa vai de encontro aos estudos sobre psicodinâmica do trabalho, em que se considera que o trabalho não se encerra na relação do sujeito com sua atividade, e pretende compreender como o trabalhador consegue manter o equilíbrio psíquico perante a organização de trabalho, no contexto de exploração e alienação promovidos pelo capitalismo. Entretanto, na área da administração, o número de estudos interessados em investigar a saúde no esporte ainda é reduzido se comparado a outras áreas de conhecimento, como a medicina.

Na psicologia do esporte, as pesquisas foram iniciadas há, aproximadamente, um século, abordando inicialmente aspectos fisiológicos, como o condicionamento do reflexo. Em seguida, as atenções voltaram-se para temas como motivação, personalidade, agressão e violência. Entretanto, o grande referencial de pesquisas e teóricos advém da educação física, devido à inclusão da psicologia do esporte no currículo do curso há mais de 20 anos (Rubio, 2002).

Nesse sentido, os conhecimentos produzidos poderão ser relevantes a atletas, treinadores, pais de atletas, empresários, dirigentes esportivos e outros profissionais do mundo esportivo, pois a pesquisa almeja um maior entendimento dos processos organizacionais, sociais e psicológicos que permeiam a vida dos atletas dentro e fora de campo.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou analisar as narrativas de atletas profissionais do futebol a partir de conceitos teóricos da PdT. Os resultados indicam que essa categoria de trabalhadores, pouco usual em pesquisas que abordam a saúde mental, está exposta a práticas de gestão produtivistas, vivenciando prazer e sofrimento no trabalho. Os jogadores adotam estratégias defensivas para lidarem com o sofrimento desde os primeiros anos da carreira profissional. Em alguns momentos tal sofrimento pode desencadear patologias relacionadas ao trabalho no grupo.

É imprescindível destacar que os dados não devem ser generalizados, pois se trata de uma pesquisa com características exploratórias. As reflexões e análises aqui apresentadas podem ser úteis como indicadores, assim como podem contribuir para futuras pesquisas.

A transição histórica do futebol amador para o futebol profissional acarretou mudanças impactantes no cenário esportivo, econômico e social. As alterações na dinâmica esportiva abarcam desde o entretenimento cultural até manobras políticas. Com a profissionalização, os clubes e demais organizações esportivas se tornaram empresas profissionais e complexas, que atraem o olhar da mídia e milhares de dólares por ano. O cenário é cercado de embates entre aquilo que é considerado amador e profissional, esbarrando em problemas práticos de gestão.

Quando o futebol incorporou características profissionais, passou a regular níveis de rendimento nunca vistos antes, que se tornaram modelos e metas a serem alcançados. A trajetória profissional é iniciada na infância, com disciplinas rígidas e valores voltados para o sucesso. Eles desenvolvem ao longo da vida uma sobrecarga de trabalho, muitas vezes em contextos com condições precárias e sem estabilidade ou garantias.

A organização do trabalho apresenta-se em um formato hierárquico, com relações institucionais centralizadoras e verticalizadas. Os atletas têm pouca participação nas decisões, pois há uma relação de extremo respeito e obediência aos treinadores, dirigentes e agentes externos.

O sofrimento está constantemente presente na atividade, inaugurando a lógica defensiva ou criativa. Os profissionais do futebol fazem uso de defesas para suportar o sofrimento no trabalho e se manter na atividade. De outro lado, a valorização, apoio e reconhecimento do coletivo se mostrou fonte de satisfação. O trabalho, à medida que perpassa pela via do reconhecimento, permite a construção e manutenção da identidade dos sujeitos, que servem como proteção para a saúde mental. Só uma atividade de trabalho que tenha sentido pode ser reconhecida por configurar um mediador da transformação do sofrimento em prazer.

Este cenário faz com que haja a necessidade de diálogo com outras áreas de conhecimento no esporte. A preocupação com a organização do trabalho e a saúde desses trabalhadores deve ser uma preocupação não só do psicólogo, mas de administradores, contadores, educadores físicos e empresários que buscam formar e administrar carreiras bem-sucedidas de atletas profissionais. Nesta pesquisa, fica evidente a importância de considerar o trabalho e as demandas vindas do sujeito e não somente a estrutura e a gestão organizacional. As instituições não apenas treinam, mas produzem, regulam e administram subjetividades.

Os resultados contribuem para o avanço das investigações em saúde no trabalho e esporte. Além dos avanços nos debates teórico-conceituais, as implicações práticas desta pesquisa podem envolver uma gestão no esporte mais preocupada com o bem-estar dos atletas. São necessárias pesquisas futuras que coloquem em questão o racismo e a responsabilidade das organizações na saúde física e mental de atletas e de atores que vêm experimentando situações semelhantes. O futebol feminino e posições específicas também devem ser explorados.

Referências

- Ambrósio, E. G., Lima, V. M., & Traesel, E. S. (2019). Sofrimento ético e moral: Uma interface com o contexto dos profissionais de enfermagem. *Trabalho (En)Cena*, 4(1), 258-282. <https://doi.org/10.20873/2526-1487V4N1P258>
- Andrade, D., & Ramos, H. (2015). Futebol paixão ou negócios? Uma análise da produção científica mundial. *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review*, 4(3), 169-184. <https://doi.org/10.5585/podium.v4i3.110>
- Araújo, L. K. R. (2018). A alma silenciada: Uma experiência no Samu/DF. *Trabalho (En)Cena*, 3(2), 157-166.
- Aylmer, M. R. B. (2016). *Construindo pontes: A confiança na relação entre o jovem e seu líder no ambiente bancário brasileiro* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. Repositório institucional da UFF. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3802>
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Educação ambiental comunitária: Uma experiência com a técnica de pesquisa *Snowball* (Bola de Neve). *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 27(1), 46-60. <https://doi.org/10.14295/remea.v27i0.3193>
- Bazanini, R., Santos, R. B., Ribeiro, H. L., & Bazanini, H. L. (2014). Empreendedorismo na sociedade do espetáculo: Gestão do futebol no universo globalizado. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 4(1), 135-160.
- Confederação Brasileira de Futebol. (2018). *Raio-X do futebol, salário dos jogadores*. <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores>

- Damo, A. S. (2007). *Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França*. Hucitec.
- Dejours, J. C. (1987). *A loucura do trabalho*. Oboré.
- Dejours, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho*. Atlas.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, 14(3), 27-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>
- Ferreira, J. B. (2016). Quantos anos de solidão? Violência, assédio moral e paralisia das formas de vida no trabalho. In B. L. Farah (Org.), *Assédio moral organizacional: Novas modalidades do sofrimento psíquico nas empresas contemporâneas*. LTr.
- Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2003). *Trabalho e riscos de adoecimento: O caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira*. Ler, Pensar e Agir.
- Ferreira, J. B., Martins, S. R., & Vieira, F. O. (2016). Trabalho vivo como apropriação do inapropriável e criação de formas de vida. *Trabalho (En)Cena*, 1(1), 29-49.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Frick, E., Tardini, S., & Cantoni, L. (2013). White paper on LEGO® SERIOUS PLAY®: A state of the art of its applications in Europe. *S-Play Project*, 2(1). <https://seriousplaypro.com/2013/08/12/white-paper-splay/>
- Gonçalves, J. C. S., & Carvalho, C. A. (2006). A mercantilização do futebol brasileiro: Instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos EBAPE.BR*, 4(2), 1-27. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512006000200003>
- Grillo, C. C. (2013). *Coisas da vida no crime: Tráfico e roubo em favelas cariocas* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Repositório institucional da UFRJ. http://www.neip.info/upd_blob/0001/1540.pdf
- Guimarães, S. D., Jr., & Ferreira, J. B. O. (2020). Terceirização, saúde e resistências: Provocações ético-políticas à psicologia social do trabalho em contexto de precarização subjetiva. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 23(2), 189-202. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v23i2p189-202>
- Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L., Costa, V. M. F., & Comoretto, E. (2017). Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. *Estudos Avançados*, 31(91), 257-276. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191019>
- Huizinga, J. (1999). *Homo ludens: O jogo como elemento da cultura*. Perspectiva.
- Lego Serious Play. (2002). *The science of Lego® Serious Play TM: Play, construction, imagination*. <http://www.strategicplay.ca/upload/documents/thescience-of-lego-serious-play>
- Majul, D. (2017). *Fútbol encarnado: Una aproximación etnográfica a las experiencias, subjetividades y posibilidades de agencia de jóvenes jugadores de fútbol del club Instituto de la ciudad de Córdoba* [Apresentação de trabalho]. 31º Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia, Montevideu, Uruguai.
- McCusker, S. (2014). Lego®, seriously: Thinking through building. *International Journal of Knowledge, Innovation and Entrepreneurship*, 2(1), 27-37.
- Merlo, Á. R. C., & Lapis, N. L. (2007). A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: Reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia e Sociedade*, 19(1), 61-68.
- Merlo, A. R. C., Traesel, E. S., & Baierle, T. C. (2011). Trabalho imaterial e contemporaneidade: Um estudo na perspectiva da psicodinâmica do trabalho. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 94-104.
- Meurer, M. C., Silva, M. F., & Baroni, B. M. (2017). Strategies for injury prevention in brazilian football: Perceptions of physiotherapists and practices of premier league teams. *Physical Therapy in Sport*, 28, 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.ptsp.2017.07.004>
- Molinier, P. (2013). *O trabalho e a psique: Uma introdução à psicodinâmica do trabalho*. Paralelo 15.
- Moraes, E. R., Arliani, G. G., Lara, P. H. S., Silva, E. H. R., Pagura, J. R., & Cohen, M. (2018). Orthopedic injuries in men's professional soccer in Brazil: Prospective comparison of two consecutive seasons 2017/2016. *Acta Ortopédica Brasileira*, 26(5), 338-341. <https://doi.org/10.1590/1413-785220182605194940>
- Moraes, R. D. (2013). Estratégias defensivas. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 153-158). Juruá.
- Moro, A. L. C., & Amazarray, M. R. (2019). Trabalho, subjetividade e gestão gerencialista: Um estudo com trabalhadores do comércio. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 22(2), 117-130. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p117-130>

- Mósca, H. M. B., Silva, J. R. G., & Bastos, S. A. P. (2009). Fatores institucionais e organizacionais que afetam a gestão profissional de departamentos de futebol dos clubes: O caso dos clubes de futebol no Brasil. *Gestão e Planejamento*, 10(1), 53-71.
- Motta, R. G., Corá, M. A. J., & Mendes, S. R. C. (2019). Suor, superação e a medalha: Uma análise de discurso sobre a literatura pop management inspirada no esporte de competição. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 6(1), 77-101. <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2019.v6n1.165>
- Nakamura, W. T. (2015). Reflexões sobre a gestão de clubes de futebol no Brasil. *Journal of Financial Innovation*, 1(1), 40-52.
- Oliveira, M. C., Silva, A. I., & Paes, M. R. (2016). Incidência de lesão musculoesquelética em árbitros de futebol de São Paulo. *Revista Carioca de Educação Física*, 10(1), 115-122.
- Paína, D. M., Fechio, J. J., Peccin, M. S., & Padovani, R. C. (2018). Avaliação da qualidade de vida, estresse, ansiedade e coping de jogadores de futebol de campo da categoria sub-20. *Contextos Clínicos*, 11(1), 97-105. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.111.08>
- Penteado, R. Z., Silva, N. B., & Montebello, M. I. L. (2015). Voz, estresse, trabalho e qualidade de vida de técnicos e preparadores físicos de futebol. *CoDAS*, 27(6), 588-597. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20152015021>
- Pereira, A. B. (2008). *A construção social do tipo "jogador de futebol profissional": Um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório da PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17303>
- PNAD Contínua 2016: 10% da população com maiores rendimentos concentra quase metade da renda. (2017, 29 de novembro). Agência IBGE Notícias. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18376-pnad-continua-2016-10-da-populacao-com-maiores-rendimentos-concentra-quase-metade-da-renda.html>
- Rambaldi, M., & Vieira, F. O. (2020). Futebol e saúde: Adoecimento de profissionais do esporte. *Laborativa*, 9(2), 6-23.
- Rego, V. B. (2013a). Aceleração. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 33-38). Juruá.
- Rego, V. B. (2013b). Virilidade. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 499-501). Juruá.
- Rubio, K. (2002). Origens e evolução da psicologia do esporte no Brasil. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, 7(373). <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-373.htm>
- Saldaña, J. (2013). *The coding manual for qualitative researchers*. Sage.
- Sartori, S. D., & Souza, E. M. (2018). Entre sofrimento e prazer: Vivências no trabalho de intervenção em crises suicidas. *Revista Eletrônica de Administração*, 24(2), 106-134. <https://doi.org/10.1590/1413-2311.203.78656>
- Schindwein, V. D. C. (2018). Assédio moral como estratégia de gestão no serviço público. *Trabalho (En)Cena*, 4(1), 221-237. <https://doi.org/10.20873/2526-1487V4N1P221>
- Tonial, R., Montenegro, J., Laimer, C., & Guimarães, J. (2016). Performance esportiva ou performance administrativa: O dilema dos gestores de um clube de futebol brasileiro. *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review*, 5(3), 128-143. <https://doi.org/10.5585/podium.v5i3.171>
- Vieira, F. O., Ghizoni, L. D., & Maia, C. (2016). "Ruim com ele, pior sem ele": *Servidão (in)voluntária que reforça o trabalho escravo contemporâneo: Apontamentos à luz da psicodinâmica do trabalho* [Apresentação de trabalho]. 4º Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Zainaghi, D. S. (2004). *Nova legislação desportiva: Aspectos trabalhistas*. LTr.

Endereço para correspondência
marianarambaldi@hotmail.com

Recebido em: 26/02/2021
Revisado em: 15/04/2022
Aprovado em: 07/05/2022

